

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00
 Semestre — Cr.\$ 12,00
 Pagamento Adiantado

O GLOBO

Anúncios e Publicações
 de acordo com a
TABELA
REDAÇÃO
 RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373
 CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 19 de MAIO de 1946

BRASIL

NÚMERO 421

O PROBLEMA DA IMIGRAÇÃO

ALEXANDRE CHITTO

Hoje a imigração é um problema que, no Brasil, se procura solucionar de um modo que não favoreça uma parte em detrimento de outra, isto é, que a lavoura consiga braços necessários ao seu desenvolvimento e, por outro lado não venha agravar-se ainda mais a situação econômica do brasileiro, com o aumento da população, quase que já insuportável.

Entorno desse dilema surgem opiniões de homens abalizados em assuntos imigratórios e econômicos. Uns sustentando a tese de que, por enquanto, deve ser evitada a imigração. Correntes opostas, entretanto, opinam que a lacuna deixada pelo exodo dos rurais às grandes cidades, precisa ser preenchida com estrangeiros imediatamente.

E assim, agora, se discute o problema da imigração, a sua vinda imediata ou não.

Admitamos que sim, a lavoura necessita, e com urgência, de braços. Mas como, depois, poder-se-á obrigar o imigrante permanecer na lavoura? A não ser que se lhe ofereça as condições tais as encontra nas grandes cidades: saúde, higiene, educação e altos salários. Condições, aliás, que o nacional, até agora, não encontra e não encontrou na vida do interior. A sua subsistência aqui, com relação a esses pontos de vista, é simplesmente lamentável. O trabalhador da roça permanecerá onde está se desconhecer completamente as condições que o esperam num centro industrial.

E depois, a indústria nacional, um tanto fictícia em relação á americana e á inglesa será que poderá manter-se no estado atual ou se desenvolver sem ter que passar por mudanças críticas, pondo, em seguida, em liberdade o operário que atualmente tira da lavoura?

E se tal fato acontecer, aonde irá a massa camponesa que vai se agregando nas grandes cidades? Ao campo novamente? Volta á vida primitiva? E voltará com a mesma disposição de outrora depois de se haver habituado num centro citadino?

E de que maneira regressar se já estiverem tomadas as zonas rurais pelos imigrantes?

A nosso ver, quem opina que a imigração deve ser retardada está com a razão. Apressa-la agora seria ir de encontro a um serio problema suscetível, tornar a existência do brasileiro mais crítica ainda.

A firma Matarazzo manterá os preços mínimos estabelecidos no plano de emergencia.

Noticia-se que a firma Industrias Reunidas F. Matarazzo manterá os preços mínimos estabelecidos no plano de emergencia.

Eis o que se publica a respeito:

Foi assinado, ontem, no Ministerio da Fazenda, o contrato entre o governo federal e a Sociedade Anonima Industrial Reunidas F. Matarazzo, com a anuencia dos Estados interessados para defesa real da produção rural, garantia da exportação e preservação do consumo interno dos cereais.

A firma Matarazzo irá manter, por conta do Governo Federal no terreno comercial de livre con-

correncia, os preços mínimos aprovados pelo presidente da Republica no Decr. lei n. 7.774, Plano de Emergencia, comprando e milho, o arroz, o feijão, a soja, o amendoim e a semente do girassol onde quer que a mercadoria seja oferecida ou se torne necessario compra-la. Firmará, outrossim, os preços máximos, de acordo com a politica de preços do Governo Federal, quando assim por este seja determinado.

Representou S. Paulo no importante compromisso o dr. Francisco Malta Cardoso, secretario da Agricultura.

COMENTA-SE QUE...

Nos circulos bem informados de Ubirama, comenta-se que a deficiência da iluminação pública nesta cidade não é totalmente motivada pela falta de meios de produzir energia. Mas comenta-se que o contrato entre a prefeitura e a Companhia Paulista de Força e Luz venceu a muito tempo. E assim sendo, a Companhia não está disposta a tomar nova medida em relação, a Ubirama. Ela deixa assim para vêr como e que fica.

Neste caso, quem cabe entrar em entendimento com a Companhia? A Prefeitura? Ao governo? Ou a quem?

Não sendo possível um contrato agora com a Companhia Paulista de Força e Luz, dadas às circunstancias políticas, ao menos entrar em entendimento com a mesma para substituir as atuais lampadas por outras maiores. Se não todas em parte, nas principais arterias da cidade, ao menos.

Ou não isso? O povo de Ubirama, paga ou não paga a sua iluminação pública? Não? Deixa-se a cidade as escuras, é preferível. Sim? Então é preciso melhorar a iluminação.

Assim e que não pode ficar.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De ordem da Inspetoria Regional, esta Agencia de Estatística concede

mais um prazo de 10 dias, para a devolução dos questionarios do REGISTRO INDUSTRIAL, do exercicio de 1946, devidamente preenchidos.

Emanoel Canova
 Agente Municipal

Proibido o despacho de oleo de algodão fora da Capital.

Da Secretaria da Agricultura informa-se que ficou terminantemente proibido o despacho de oleo de caroço de algodão fóra da capital.

USINA DE AÇUCAR

Por intermédio do sr. Luiz Azevedo, o Instituto do Açúcar e do Alcool já entrou em entendimento com a Prefeitura afim de solucionar o caso do Matadouro.

Anteontem, em nossa redação, fomos procurados pelo sr. Luiz Azevedo, Gerente da Distilaria Central de Ubirama, participando-nos que, por ordem do Instituto do Açúcar e do Alcool, entrou em entendimento com o sr. prefeito afim de conseguir a remoção do matadouro municipal e a aquisição do respectivo terreno.

E por sua vez, o governador da cidade, sr. José Salustiano de Oliveira está encaminhando o pedido ao Departamento competente.

Como se vê, essa comunicação é um desmentido formal a noticia publicada no Diario de S. Paulo, anunciando que o Instituto do Açúcar e do Alcool havia já se desinteressado na construção da Usina.

Dr. Antonio Tedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Florian Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo
UBIRAMA

Futebol

Esta tarde o Luzitana F. C. disputará em Ubirama a sua primeira partida da presente temporada.

Está marcado para hoje o jogo entre o C. A. Lençoense e o Luzitana F. C. em disputa da rodada da 5.a região.

Dada a ótima forma física e técnica dos dois contendores é de se esperar um prelio sensacional.

Pois Waldemar de Brito vem certo que os seus homens serão os vencedores e Sandro, por sua vez, pretende que os lençoenses reafirmem os seus grandiosos feitos destes últimos tempos, vencendo os lusos.

Portanto, mais uma sensacional e espetacular partida de futebol em Ubirama, em prosseguimento ao campeonato do interior, da 5.a região.

O quadro lençoense será escalado á ultima hora.

Assinem Leiam e Propaguem «O E'CO»

Atingida por uma vaca, sofreu grave ferimento.

No dia 9 do corrente, d. Carmela Bertele Malavasi, esposa do sr. Silvio Malavasi quando estava tirando leite de uma vaca, o animal, virando-se ligeiramente, atingiu aquela senhora, com um dos chifres, no ventre, sofrendo grave ferimento.

Dona Carmela, sendo socorrida imediatamente, foi recolhida ao hospital local.

Segundo fomos informados, o seu estado não é desesperador.

O Imposto de Renda e os Municipios.

«O Jornal» do dia 14 do corrente, publica um editorial dizendo que os srs. Mario Mazagão e Eduardo Duvivier apresentaram uma emenda na Comissão Constitucional, estabelecendo que o 10% da arrecadação do imposto sobre a renda sejam distribuidos aos municipios.

A ideia foi recebida com grande simpatia.

ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.
Alfredo O. Capucho
Rua Tibiriçá n. 530
Caixa Postal, 9 — UBIRAMA

Depart. Juridico.
Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA
Rua 13 de Maio N. 261
AGUDOS

Ficou adiada para esta tarde, ás 13 horas a reunião de canavieiros, comerciantes e industriais afim de tratar da Usina de Açucar.

No dia 15 do corrente, no Cine Guarani devia realizar-se uma reunião de canavieiros, comerciantes e industriais desta cidade, afim de se tratar da instalação da Usina de Açucar em Ubirama.

Mas como grande numero de canavieiros não compareceu á anunciada reunião ficou adiada para as 13 horas desta tarde no mesmo local.

Pede-se, portanto, o comparecimento de maior numero possivel de canavieiros, comerciantes industriais e pessoas interessadas no assunto.

Peiorou a situação da farinha.

Circulando a noticia que peiorou a situação da farinha de trigo em S.

Paulo, convem que da pouca existente nesta cidade, se faça o pão com a devida mistura estipulada por lei. Asim sendo, a população terá pão por mais tempo.

O Presidente da Republica decretou a nova Lei Eleitoral do Brasil.

No dia 13 do corrente, o Presidente da republica decretou a nova lei eleitoral do Brasil, a qual dispõe do cancelamento do registro de partidos.

O partido que receber do estrangeiro orientação politica-partidaria, subvenção em dinheiro ou de qualquer outra maneira, ou ainda que praticar atos contrarios á lei nacional, incorrerá nas penalidades do Tribunal Superior.

Hoje, no Cine Guarani: Atraz do Sol Nascente

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces, petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA**Dr. João Paccola Prima**

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

Apareceu um «Hitler» na Argentina.

BUENOS, AIRES, 14 — A noticia de que um sosia de Hitler o uo proprio nazista se encontrava em tratamento num hospital da cidade de Posadas poz em polvorosa o lugar, cujas ruas foram tomadas pela multidão. O certo é que o referido individuo possui tôdas as carecteristicas do «Fuherer», tendo nascido na Austria, na mesma data que ele.

FUTEBOL Em Ubirama

Em sensacional e grandiosa partida, o C. A. Lençoense venceu merecidamente o Agudos F. C. pela contagem de 2 a 1, domingo ultimo.

Bizzorro e Pedrinho os marcadores para os locais e Carabina para os agudenses.

Disputando o ultimo jogo da primeira rodada do torneio da 5.a região, domingo ultimo, o C.A. Lençoense enfrentou o Agudos F. C. vencendo-o merecidamente pela contagem de 2 a 1.

Pois, tratando-se de dois velhos rivais e dada a sua colocação na tabela, o prelio entre os dois adversarios vinha sendo aguardado com particular interesse em todos os meios esportivos da redondeza. E dentro dos prognosticos gerais dos «fans» de ambos os bandos formou-se, tanto em Agudos como em Ubirama, um ambiente otimista, uma atmosfera e disposição de conquistar os louros da vitoria. E assim sendo, caracterizou-se aquele entusiasmo proprio do futebol, reunindo ao redor da praça de esporte lençoense numeroso povo, tomando literalmente as dependencias.

Porem, o tecnico Sandro confiava nos seus pupilos e que estariam dispostos a uma grandiosa prova. Pois indubitavelmente o quadro lençoense apresentou-se tecnica e fisicamente preparado, revelando que no «Cinco Alqueires» ele é um temivel adversario.

Aliás não se podendo negar que agudos possui um excelente esquadrão, cuja derrota lhe foi infligida mais porque a resistencia fisica dos lençoenses fora efficientissima, outorgando-lhes nitida superioridade, principalmente durante os ultimos vinte e cinco minutos do cotejo, periodo bastante critico para os visitantes, dando sinais de estarem entregando os tentos.

O primeiro tempo findou sem ser aberta a contagem, desenrolando-se com leve superioridade dos locais, que perderam ocasiões certas para vencer a cidadela de Leopoldo.

A segunda fase, entretanto, foi mais movimentada e de maior sensação, mormente quando

Carabina, cabeceando um escanteio, consignou o primeiro ponto da tarde em favor de sua turma. Porem, os lençoenses reagiram a altura, obrigando os agudenses a sucessivos escanteios, um dos quais, atirado por Helio, se aproveitou Pedrinho, colhendo espetacularmente de cabeça, empatando a partida, depois de alguns minutos.

Continuaram os locais submetendo os agudenses a forte pressão, até que Bizzorro, aproveitando-se de um calculado passe de Helio, venceu a vigilancia de Leopoldo, com uma fortissima cabeçada, marcando assim o segundo ponto para os lençoenses.

Isso aos 38 minutos. E dai por diante os agudenses davam sinais de estar decretada a sua derrota, empenhando-se para que os lençoenses não aumentassem a sua contagem.

E naquele domingo completo dos lençoenses terminou o prelio com a vitoria dos alvi negros pelo escore de 2 a 1. Aliás merecidissima.

Assim sendo, Sandro viu a turma sob a sua guarda triunfar mais uma vez, não obstante o mestre Del Debio ter vindo a Ubirama para dar-lhe uma lição técnica, com um brilhante exito que deveriam colher os agudenses.

Todavia, quem a recebeu foi Del Debio, não propriamente no jogo em si, mas esportivamente, quando o velho craque paulista mandou «quebrar» Ilmo e Belfare e também no momento em que, fóra do campo, Del Debio pretendia orientar a sua turma.

Ai, Del Debio foi vaiado e justamente, pelo pouco caso, aliás, dos momentos que os lençoenses julgaram felizes vê-lo entre nós

Espirito... esportivo.

Atuou a partida o sr. Brasil Carretta, árbitro da F. P. F. tendo boa atuação revelando algu-

mas falhas que deixou passar de ambos os lados.

Os quadros entraram assim organizados Agudos: Leopoldo, Jair e Paim; Gatinho, Guimarães e Maneco; Gutti, Bueno, Carabina, Dinho e Zé Benjamin.

Lençoís: Oberdan, Imparato e Limão; Belfare, Ilmo e Abilio; Helio, Bizzorro, Mano, Pedrinho e Tite.

Pela primeira vez perdem os Aspirantes em nosso campo.

Na preliminar entre o combinado intitulado «Virgilio Rocha F. C.» e os Aspirantes do C. A. Lençoense, venceram os visitantes pela contagem de 2 a 1. Perdem portanto, os Aspirantes pela primeira vez, em seu proprio campo.

Anunciem neste jornal

Inaugurado o Placard

Domingo passado, na nossa praça de esporte, foi inaugurado um bellissimo «placard», para melhor por ao corrente a torcida na contagem dos pontos.


Pela nova introdução em nosso campo, muito concorreram os Irmãos Batistela, moços que admiram e auxiliam o futebol local.

A SÍFILIS

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA
MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA
E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR
NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO
USE O

ELIXIR DE NOGUEIRA

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB
INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:



- REUMATISMO
- ESCRÓFULAS
- ESPINHAS
- MÍSTULAS
- ÚLCERAS
- ECZEMAS
- FERIDAS
- BARTROS
- MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"
CONHECIDO HÁ 65 ANOS
VENDE-SE EM TÓDA PARTE.

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00

Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -

Rua São Bento, 341

FILIAIS:

Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatú (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná)—Campinas-Cruzeiro—Jaboticabal — Jacareí — Jaú-Lorena — Mogí das Cruzes — Mogí Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa
C/C. Limitadas Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio —
taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em UBIRAMA: Rua 15 de Novembro, 779

Amôr perdido

Ontem, pela manhã, estava eu contemplando as rosas domeu jardim, muitas das quais já me pediste para enfeitar os teus portavasos.

E ali, com os pensamentos vagando, posei os olhos sobre uma gota de orvalho, brilhando na ponta de uma pétala.

Olhel bem! E, no interior da gota, ví um rosto de mulher. Era o teu. Olhei melhor, tu estavas me chamando, amentron-tada com o aparecimento do Sol, que vinha já resvalando os horizontes, para desmanciar a tua cristalina mansão.

E eu, confuso e apressado, quiz apanhar a gota, mas ela caiu, desfazendo-se na relva. E tu desapareceste em seguida. Procurei-te, todavia em vão.

Amôr perdido, pensei comigo mesmo.

LISSER

Aniversários

Fazem anos:

Hoje o jovem Armando Biral, residente em S. Paulo; o menino Fernando Antonio de Barros, filho do sr. Antonio de Barros e d. Idalina C. de Barros, e a sta. Alzira Paccola.

Dia 20, o menino Edo Mario de Santis, a sra. Amabile Baccili, esposa do sr. Hermenegildo Baccili; o sr. João Moura Camargo, a sta. Luiza Cacciolari, a sra. Neuza Diniz Paccola, esposa do sr. Alberto Paccola; a sta. Dirce Coneglian e a sta. Henriqueta Ferrari.

Dia 21, a jovem Maria Coneglian, o jovem Renato Ciccone, o sr. Jesué Briqueze, residente em São Caetano; e a menina Maria Angelina, filhinha do sr. Armando Roalando Paccola e d. Iracema L. Paccola residente em Lins.

Dia 22, a menina Edna Baccili, a menina Wilma Rita Tonin e o jovem José Ribeiro Leite.

Dia 23, a jovem Eliza Batistella, o sr. prof. João B. Vianna Nogueira, a sta. Ninfa Pietraroia, o sr. Ticiano Netto, a sra. Maria Loreta Tedesco, esposa do dr. Antônio Tedesco; a menina Irma Stanguini e a sta. Ermelinda Luiza Ponsoni.

Dia 24, a sta. Cacilda Segalla e a sra. Hermelinda B. Giovanetti, esposa do sr. Alberto Giovanetti.

Itinerantes

Acha-se em visita a esta cidade o sr. Dino Pavanato, contador da Agencia do Banco Nacional da Cidade de S. Paulo em Mogi das Cruzes.

Diretor: Alexandre Chitto

O ÉCO

Redator-Chefe: Orlando Pauletti

ANO IX

Ubirama, 19 de MAIO de 1946

NÚMERO 421

Nomeação

No dia 10 do corrente, foi nomeado escrivão de Policia o sr. Alfredo Cres, do Cartorio Local.

Nascimento

No dia 14 do corrente, o lar do sr. Horacio Moretto e sua esposa d. Angelina C. Moretto registrou o nascimento de sua filhinha, que na pia baptismal receberá o nome de Jeanice Therezinha.

Ponte Ubirama-Macatuba.

Ha muito tempo que o Departamento de Estrada de Rodagem mandou demolir a ponte que liga esta cidade a Macatuba, no sentido de ser construida uma nova.

Não obstante isso já ha mais de um ano, a ponte foi somente iniciada e depois, os serviços abandonados.

E assim lá esta não se sabendo quando o Departamento está disposto a mandar terminar a obra, visto em épocas de chuva ser quasi que impossivel passar pelo desvio provisorio.

E agora que entre Ubirama e Macatuba foi organizada uma linha permanente de Onibus, a construção imediata da ponte se faz sentir mais ainda.

Esperemos, pois, que as partes competentes tomem medidas urgentes nesse sentido, antes alias que se iniciem as chuvas, porque contrariamente seria impossivel uma linha de Onibus permanente entre Ubirama e Macatuba.

UM GRANDE POETA QUE DESAPARECE Catulo da Paixão Cearense

O Brasil, chora ainda, a perda de um dos seus mais illustres filhos.

Catulo da Paixão Cearense, fechou os olhos para a vida! Mas não deixou de existir, para os que conhecem sua poesia.

Poeta regionalista, cantou com graça e singeleza singular as belezas e doçuras do nosso vasto sertão.

Sua vida, longa serie de imprevistos e de dificuldades, foi toda ela, dedicada a poesia, arte em que se tornou inigualavel.

O seu éstro incomparavel foi sempre mais pela poesia sertaneja onde as Musas das florestas pareciam sempre inspirá-lo.

No «Luar do Sertão», uma das suas melhores poesias podemos ver o amor que o insigne poeta dedicava aos nossos sertões:

« A gente fria
Nesta terra sem poesia,
Não se importa com a lua
Não faz caso do luar!
Enquanto a onça
La na verde capoeira
Leva uma hora inteira
Vendo a lua a meditar! »

Autor de diversas canções, vemos na sublimidade dos seus versos o maior estoicismo e desprendimento pelas cousas terrenas aspirando unicamente as espirituais, como se vê em «TALENTO E FORMOSURA»:

« Terei mais glorias em conquistar com sentimento
Pensantes almas de varões de alto saber,
E com amor e com pujança de talento,
Fazer um Bardo ternas lagrimas verter.
Isto é mais nobre, mais sublime e edificante
Do que vencer um coração ignorante;
Porque a beleza é só materia e nada mais traduz
Mas o talento é só espirito e só luz! »

Poeta de alma elevada, talvez houvesse sofrido bastante devido a simplicidade de sua vida incompativel com as pompas da opulencia, e é então quando exclama ainda:

«Que a inspiração dos versos meus só devo a dor!»

Nasceu no Maranhão em 1863; e adolescente ainda dirigiu-se para o Ceará, e mais tarde tentando introduzir o violão na Corte viu seus planos fracassados porquanto o violão era repudiado pelos preconceitos da aristocracia, mas não esmoreceu até que com o decorrer dos anos sentiu realizarem-se os seus sonhos ao ver o violão elevado a instrumento de classe conjuntamente com os seus contemporaneos como sejam «Francisco Baheta», «Mariô Pinheiro» e «Eduardo das Neves» que conseguiu com seu violão dar concerto em Paris não só aristocratizando o violão como imortalizando-lhe as canções assim como neste verso:

« A lua nasce por detraz da verde mata,
Que parece um sól de prata,
Prateando a solidão.
A gente pega na viola que ponteia
E' a canção da lua cheia,
Vem nascer no coração! »

Catulo ainda homem de ação e energia intelectual não podia deixar estagnar o seu talento, dedicou-se de corpo e alma ao culto das letras e chegou a ser mestre de francez e professor de portuguez, sustentando polemicas com filologos illustres, deixando sempre transparecer o seu sentimento pela conquista da posteridade... senão vejamos:

« Enquanto a mim irei sonhando o meu ideal de amor
Que é sempre novo no vigor da primavera
Na lira austera em que o senhor me fez tão dextro
Será o meu éstro só do que foi imortal. »

Catulo, não morreste para nós!

Viverás na alma do povo, em tuas canções, poesias e lendas como tu mesmo o previste ainda em «TALENTO E FORMOSURA»:

Que os versos meus
Em meigos tons hão de gemer
E eu morto embora
Nas canções hei de viver!

FRACOS E ANEMICOS!
Tomem:
VINHO CREOSOTADO
Do Ph. Ch. João da Silva Silveira
Empregado com exito nas:

Tosses
Resfriados
Bronchites
Escrophulose
Convelescencias

VINHO CREOSOTADO
é um gerador de saúde.

Hoje, no Cine Guarani: «Atraz do Sol Nascente»

A VIDA COMEÇA AOS CINQUENTA

Apresentado sob diversos ângulos, o livro de Pitkin e Bradford — "A Vida Começa aos Quarenta", esgota suas edições. Qual será a causa desse êxito? Possivelmente, pelo otimismo que comporta. Para Buffon, a idade é um preconceito condicionado pela existência da aritmética. Na realidade, mais do que um conceito cronológico, o é funcional. Nesse sentido, entre um Hindenburgo e um Victor Hugo, havia uma enorme diferença. O poeta francês sentia-se mal quando mencionavam sua idade, sobretudo quando em presença de mulheres formosas. E dizia: — "Não mostro ainda os sinais indiscutíveis da velhice".

O homem começa a viver, uma vez alcançada sua plenitude e o equilíbrio físico-psíquico, quando conhece suas reações, a alimentação, os cuidados, distrações e descansos apropriados para o seu organismo. Quando se sabe como se deve viver, começa-se a viver. A inquietação é própria da juventude, para a formação de sua experiência. A aprendizagem individual é indispensável e, frequentemente, muito difícil. Aquela experiência é pessoal; a dos maiores é, tão só, relativamente útil.

DURAÇÃO DA VIDA

As revelações sobre a duração da vida, entre os gregos antigos, são impressionantes. A arqueóloga Bessie E. Richardson, autora de "A Velhice Entre os Gregos Antigos", revisando e decifrando dois mil epitáfios, chegou à conclusão de que a duração média da vida era de vinte e nove anos. Na Idade Média, vivia-se menos, ainda, uns vinte anos. Há um século, a maioria da população não atingia os trinta anos. As estatísticas da Metropolitan Life Insurance Com-

pany demonstram o rápido acesso à longevidade, em nossa época. Em 1904, a média, era de 48,2 anos; em 1915, de 53 anos; em 1934, de 60 anos. Na atualidade, deve ser de 65 anos. Os peritos da citada companhia esperam que, para 1980, a média será de 70 anos, ou, provavelmente, maior. As mesmas cifras resultam dos progressos da higiene e do "standard" de vida, e explica o que um autor já presagia num livro: "A Vida Começa aos Cinquenta".

SOMOS MAIS JOVENS, HOJE

Um homem de quarenta anos, hoje, parece mais jovem do que um de vinte do começo do século. Para comprová-lo, basta comparar uma fotografia de um e de outro tempo. E se se tem a idade que se aparenta, deduziremos que as pessoas, hoje, em dia, são mais jovens do que as de outrora. Ontem, julgava-se um moço de vinte anos, um homem feito e, um homem de quarenta, era considerado velho. A idéia da juventude muda com o tempo.

O efeito das idéias sobre o ânimo é grande, seja no sentido otimista ou pessimista. Julgar-se um velho, já é sé-lo, e induz a agir como tal. O preconceito da idade influi perniciosamente sobre o corpo, enfraquece suas funções. Antes da guerra, descartavam-se dos quarentões, na fábricas e oficinas. Eram tidos como ineficientes. As

De MANUEL PALCOS

necessidades da guerra fizeram voltar ao trabalho centenas de milhares de aposentados ou afastados das empreitadas, e a guerra requer o máximo de habilidade. O bom desempenho das pessoas de idade



LINCOLN

foi oficialmente reconhecido. Homens de sessenta, setenta anos, antes desprezados, agora são de grande utilidade.

VENCEM NO AMOR

Até no amor os maduros é que logram as vantagens. E não só durante a guerra, como o descreveu Raynall na sua obra: "Le tombeau sous l'arc du triomphe", onde expõe o drama dos jovens soldados substituídos no coração feminino, pelos mais idosos, como consequência do irresistível impulso da vida. A afeição nutre-se com a presença. E nos combates de amor, a experiência e a maturidade arrebata a vitória aos moços. E isto é verdadeiro para homens e mulheres. As grandes paixões são inspiradas por pessoas bem adultas. Já se disse que Balzac escreveria hoje: "A Mulher de Quarenta Anos".

É A IDADE FELIZ

Chegamos à maturidade, habitualmente, os homens podem realizar suas vocações, além de outras coisas, em função de maior estabilização econômica. A juventude, hoje como nunca, é contida pela terrível luta pela existência. Para Bernard Shaw, realizar a vocação é a condição básica da felicidade. Até à quarentena, mais ou menos, alcançaram sua plenitude, Pasteur, Koch, Roux, Ehr-

lich, Metchnikoff, Lincoln, Baldwin, Maurois, Blum, Roosevelt, Churchill, Stalin, Millikan, Pearl Buck, Pavlov, Freud, B. Shaw, C. Flammarion. Os quatro últimos, se bem que octogenários, trabalhavam entusiasticamente, Disraeli e Gladstone governaram com aprovação geral, em idade avançada. Guilherme II, jovem, destruiu a obra de Bismarck. Beveridge, octogenário, formula uma profunda transformação na Inglaterra. A última batalha foi ganha por homens sazonados: Lloyd George, Clemenceau, Joffre, Foch, Wavell deram exemplo à jovem oficialidade russa. Seus dirigentes militam entre os quarenta, ou mais.

A VELHICE NÃO TEM TEMPO

Kerilyls acusava a gerontocracia como fator principal da derrota da França. Na verdade, seus executantes não tinham idade. Eram tipos de toda idade. Não foi a biologia, mas uma crise social, a causa da queda da França. A velhice não tem tempo. Os fósseis de vinte anos abundavam. A volta ao impossível passado operava-se em milhões de jovens, dirigidos por velhos e jovens.

Alguns observadores acreditam que os seres vivem oito vezes mais o período existencial em si do que o esqueleto logra seu desenvolvimento completo produzido no homem por volta dos vinte e cinco anos. Em consequência, sua existência deveria prolongar-se até os duzentos anos. Outros cálculos prevêm uma duração de cento e vinte a cento e trinta anos. O homem abrevia suas horas. A ciência lhe aumentará os dias. No futuro, dir-se-á: "A vida começa aos cem anos". Porém, tal existência, será uma larga, profícua e madura juventude. A questão não é meramente subsistir, porém, viver: inteira e inteligentemente.

A "bomba-morcego" e o "olho infra-vermelho"

As experiências que vinham sendo feitas com o radar deram resultados interessantes. A "bomba-morcego", por exemplo, prova-o exuberantemente.

Este engenho, utilizado na última fase da guerra do Pacífico, e que somente agora foi levantada a proibição de se revelar seu segredo, até aqui guardado, por motivo de segurança, acompanhava infatigavelmente belonaves e navios inimigos, pondo a pique muitos deles por mais que se esforçassem em fugir à perseguição.

Seu nome deriva do morcego, o animal que tão bem conhecemos. Há no Brasil cerca de 100 espécies, as maiores das quais medem 15 cms. de corpo e 70 cms. de envergadura. O "Vampyrus spectram" é um deles. É um animal de hábitos noturnos. No entanto, ao contrário da regra geral neste caso, seus olhos são pequenos. É notável a destreza com que os morcegos voando rapidamente no escuro, evitam todos os obstáculos, e mais do que isso, apanham os insetos voando na mais completa escuridão. Ultimamente experiências interessantes foram feitas, a fim de verificar qual o sentido direcional do vôo desses animais. Com os olhos vendados por esparadrapo, ainda assim os morcegos, soltos num quarto cheio de obstáculos pendurados, esvoaçavam rapidamente, sem tocar nos fios distendidos e nas ramagens. Verificou-se que o morcego possui numerosos pêlos implantados sobre terminações nervosas, que lhes dão a perceber a aproximação dos obstáculos. Como é que funciona esse mecanismo? O dr. Hamilton Hartridge, renovando essas experiências com "Megachropteros", espécie que ocorre nas regiões tropicais da Europa e que medem 1 metro e 50 cms. de envergadura, chegou a conclusões verdadeiramente inesperadas. O morcego emite ondas sonoras que são refle-

tidas. Esse seu sentido acústico se parece muito com o radar inventado pelo homem. De fato, o radar opera por meio de emissão de ondas electromagnéticas que são refletidas pelos objetos que encontram, isto é, ao tocarem um obstáculo voltam ao ponto de partida. As ondas sonoras emitidas pelo morcego são, às vezes, tão diminutas que não se tornam perceptíveis ao ouvido humano. Por isso, são denominadas ultra-sons. Mas, isto não constitui seu único equipamento. Os morcegos produzem quatro espécies diferentes de ondas sonoras. Essas ondas são classificadas da seguinte maneira: um zumbido que não é ouvido pelo observador a não ser de muito perto; um ruído de sinalização de cerca de 7.000 vibrações com a duração de um quarto de segundo; um ruído super-sonoro que raras vezes chega a menos de 30.000 vibrações por segundo, e geralmente, é de 40 a 50.000 vibrações por segundo; um ruído rápido, que pode ser ouvido em qualquer ponto, nos limites de um aposento fechado. Como se sabe, os sons são originados por ondas elásticas, compreendidas entre 16 e 20.000 vibrações por segundo. O ouvido humano já não percebe ondas elásticas de maior ou menor frequência de vibração. De fato, a teoria da difração demonstra que os sons emitidos por uma placa circular vibratória formam um cone cujo vértice é tanto mais estreito quanto maior seja a frequência de vibração. Conforme isto, os ultra-sons, por serem dotados de grande frequência, produzem um cone pouco divergente em comparação com o dos raios

luminosos que, quando refletidos em uma dada direção, concentram a maior parte da energia emergente. As ondas sonoras de baixa frequência propagam-se em todas as direções ao redor do ponto de emissão e não podem ser concentradas do ponto. A propriedade dos ultra-sons de poder acumular sua energia em uma só direção faz aumentar sua penetração no meio.

O morcego ainda emite uma onda de localização numa única vibração, que dura cerca de um centésimo de segundo. O ruído de sinalização, de cerca de 7.000 vibrações por segundo, é refletido por todos os objetos, mas não é empregado como a onda super-sonora de localização para dar informações sobre os obstáculos que devem ser revitados. Sua função é informar outros morcegos da presença de insetos. A comparação entre a emissão de ondas super-sonoras, emitidas pelo morcego e das emissões de ondas curtas electro-magnéticas do radar pode ser feita da seguinte maneira. A frequência mais eficiente das ondas super-sonoras do morcego é de 50.000 ciclos. A frequência mais eficiente das ondas electro-magnéticas do radar é de 30 bilhões de ciclos. O comprimento da onda super-sonora é de 0,7 centímetros e da onda electro-magnética de um centímetro. A vibração dura um milionésimo de segundo.

A bomba "morcego" que tão bem imita o animal que lhe deu o nome, tem 4 metros de comprimento e com uma extensão de asa de 3 metros. É equipada com um aparelho de radar pesando 200 libras, em seu nariz, através do qual transmite e recebe sinais do alvo. Comporta, além disso, meia tonelada de explosivo e tem uma velocidade igual a de um avião de alcance bem avançado. O "morcego" guia-se por meio de pulsação. [Conclui na última página]



MAUROIS

EXAMES DE SANGUE HÁ 700 ANOS

O homem de ciência chinês doutor Fumhata declarou recentemente que de certos documentos que acabava de descobrir se verificava não serem os exames de sangue, como geralmente se acredita, um processo moderno. Por um livro escrito em 1247 e intitulado "Esclarecimentos de falsas acusações" se prova que já naquela época se praticavam tais exames na China.

Segundo o mesmo sábio, também os árabes recorriam ao método em questão nos casos de investigações de paternidade.



ROOSEVELT

SOMENTE UM DÉCIMO DE SEGUNDO

Geralmente as pessoas muito pontuais costumam perguntar se existe no mundo um relógio, cujo mecanismo infalível não adiante nem atraze nunca. Existe um que não sofre qualquer alteração e cujo fabrico foi devido a um grande esforço. Seu complicado mecanismo exigiu largos meses de estudos e, uma vez construído, foi submetido a experiências que duraram cinco anos, no Observatório de Greenwich, recebeu o nome de "mais exato do mundo". É justo esse nome pois que, durante cinco anos, somente acusou o atraso de um décimo de segundo com relação à hora astronômica.

UMA MULHER



De ARKAY AVERCHENKO

— Não, não! Repugna-me a perdiz.
O "maitre d'hotel" dirigiu ao galã um olhar de desespero. O homem, muito ao contrário, olhou para o "maitre" e para mim como dizendo: "Que encantadora criatura! Que bonequinha caprichosa!"

— Também a perdiz fracassou! — exclamou ele em voz alta. E, inclinándose solícito para a dama:

— Vamos, princesa, que quer comer?
— Se houvesse salmão...
— Muito bem! E o segundo prato?
— Não seja prosaico! Qualquer coisa! O que você comer...

— Não gosto disso. Que pediu você?
— Frango com arroz.
— Deixe ver si tem boa cara... Não é mau... Tome o meu ragu e dê-me o seu frango com arroz, se não lhe desagrada...

Ela era "coquette" até a medula dos ossos. Com extrema coqueteria abriu o abrigo de peles, levantou o véu do chapéu, esfregou as mãos e dirigiu-me um rápido olhar ao desdobar o guardanapo.

Ele perguntou-lhe:
— Que vinho prefere?
— É-me indiferente. Você escolherá.
— Muito bem. Garçon... uma garrafa de "Cordon rouge".
— "Cordon Rouge?" — exclamou ela, fazendo uma carinha de menina enjoada. Que vinho!... Quem se lembraria disso?



— Eu comerei frango com arroz.
— Que lindo! Já lhe disse que detesto o arroz e você teima em fazer-me comê-lo. Quer fazer o favor de me dar o "menu"?... Escolherei qualquer coisa, para acabar com isso... Garçon, para mim, depois do salmão, ragu á polonesa!

— Muito bem, minha senhora.
— Com salsa holandesa, ouviu?
O "maitre" reprimiu um gesto de assombro e respondeu:
— Muito bem, minha senhora.
Minutos depois servia ao jovem casal o salmão e abria a garrafa de Monopole seco.

— Traga-nos caviar — pediu o galã.
O amavel cavalheiro tocava a cada momento a mão da companheira, como para se convencer de que ela era realmente humana.

Quando lhe serviram o ragu á polonesa, Margarida Nicéa fez uma careta de desgosto e disse ao seu admirador:

Como se alguma coisa pudesse desagradar áquele homem! Fez a troca com o rosto transfigurado de generosa alegria.

E' verdade que, ao começar a comer o ragu, uma nuvem sombria obscureceu-lhe os olhos, mas o sorriso bem depressa lhe voltou aos lábios. Afinal de contas, a comida parecia interessar-lhe muito pouco. Seus olhos quase não se afastavam, absortos, encantados, da sedutora mulherzinha. De quando em quando ele me olhava, como se me dissesse: "Não é adorável esta criaturinha, com os seus caprichos e fantasias?"

Duas pessoas, que não me eram completamente desconhecidas, entraram e ocuparam a mesa imediata á minha.

Eram êle e ella.

Naquelle instante reconheci o casal: era o mesmo que, alguns meses antes, tinha ceado junto a mim num outro restaurante. Lembro-me até o nome da mulher: Margarida Nicéa.

O cavalheiro fez um gesto de desespero:
— Não lhe era indiferente, Margarida? Em que ficamos?
— Peço-lhe que não levante a voz.
— Não estou levantando a voz. Limite-me a fazer-lhe ver que é absurdo o dizer que lhe é indiferente para logo depois observar: "Que vinho!"... Não lhe perguntei qual a sua marca preferida?

— Pois bem... "Chaperou rouge".
— Magnifico! E que queres comer?
Margarida Nicéa mirou e remirou, muito dengosa, a lista dos pratos e estendeu-a ao garçon:
— Escolha o senhor.
— Não me atrevo. Não tenho a honra de conhecer o gosto de madame.
— Escolhe tu, Carlos.
O cavalheiro dirigiu á dama um olhar bem pouco terno.

— Muito bem, — respondeu — escolherei.
E, depois de consultar a lista, ordenou:
— Traga-nos, primeiro uma "mayonnaise"...
— Não, não! — protestou ella com veemência. Qualquer corista de teatro come "mayonnaise"...

— Não lhe era indiferente? Você não mandou que eu escolhesse? Vejamos, de uma vez por todas, o que lhe agrada...
Na voz do homem percebiam-se, embora êle procurasse falar serenamente, vibrações de aborrecimento.
— Um qualquer prato de peixe, não me fale neste tom!
— Em que tom, mulher?... Que peixe prefere?
— Qualquer um! Não seja prosaico...
— Bom... Garçon, para madame, garoupa á francesa.
— Isso, não! Garoupa!...
O cavalheiro atirou á dama um olhar furioso e estendeu-lhe a lista.
— Você me disse duas vezes que escolhesse, e em ambas as vezes não lhe agradeu o prato que indiquei. Você deve compreender...

— O que?
— Que por muito paciente que se seja... Se você levasse dois dias sem comer, não demoraria tanto a decidir-se... E' preciso que renuncie de uma vez por todas a esse papel ridiculo de menina mimada e caprichosa.
— Se você continua falando-me nesse tom, esta é a última vez que nos vemos.
— Mas, filha, é natural que eu lhe fale nesse tom. Dou-lhe a carta para que escolha e você começa a fazer dengues, a dizer: "Que horrivel", como se lhe impusessem a obrigação de se preocupar com uma coisa que não lhe interessa... Se lhe é indiferente, por que recusa os pratos que eu escolho?... Escolha você e liquidamos logo.

— Como você é amavel, fino, galante! Parece um quitandeiro! Há cinco meses era todo delicadezas... Virgem, como você mudou!...
— Há cinco meses, querida...
— Que tem? Acaba...
— Que tem? Acaba...
— Mas, mulher, por todos os santos! O garçon está esperando. Não se deve abusar da paciência dos outros e muito menos quando se trata de quem que não nos pode desagradar violentamente.
— Não accito lições! O senhor está-me falando, cavalheiro, como falaria um entregador de encomendas!

A dama falava num tom cheio de altivez, como uma rainha ofendida. Encarando o garçon, ordenou:
— Traga-me o que lhe agrada, o que lhe parecer melhor... Para mim tanto faz uma coisa como outra qualquer...
— Não! — exclamou fora de si o cavalheiro, dando uma palmada na mesa. Conheço muito bem esse último recurso: Não trazer-lhe alguma coisa de que, na certa, não gostará e que será passada á mim, comendo você o que eu tiver escolhido. Não é não! Peço-lhe, senhora, que especifique, que fale claro.

— Adeus! — falou friamente Margarida Nicéa, levantando-se. Não estou disposta a jantar com um cavoeiro...
E dirigiu-se para a porta.
— Mas, mulher...
Ela não fez caso.
O cavalheiro, então, levantou-se e correu atrás da bela.
— Imbecil! — murmurou eu, indignado.

Duas pessoas a quem eu não conhecia entraram no restaurante e ocuparam a mesa próxima á minha.

Ela era a "coquette" personificada. Com extrema elegancia, exquísita, abriu o abrigo de peles, tirou as luvas, prendendo entre os alvissimos dentes a ponta de cada dedo, passou a esponja de pó pelo nariz, mirou-se no espelhinho de bolsa e fez uma caretinha para o cavalheiro que a olhava enlelado.

O homem indagou, com aveludada voz de barítono:

— Muito bem, meu pedacinho de céu, que vamos comer?
— O seu pedacinho de céu não tem preferencias. Comeremos o que você quiser.
— E que vamos beber?
— Também me é indiferente. O que você quiser.

— Está bem, princesa.
O galã fitou o "maitre d'hotel", que esperava as ordens, e lhe disse:
— Ponha no gelo uma garrafa de Brut americano.

A dama deixou de fitar o espelho e ençou o homem, com uma expressão de assombro no rosto.

— Brut?
— E' uma boa marca. Eu gosto muito.
— Você é um grande egoista. Então, porque lhe agrada essa porcaria, vai obrigar-me a bebê-la?

O galã sorriu-lhe carinhosamente e cariciou-lhe a mão:
— Garanto-lhe, princesa, que é um vinho exquisito.
— Sim, exquisitissimo.
— Já o bebeu alguma vez?
— Nunca o bebi e não quero bebê-lo!

— Que encantadora lógica!... Muito bem, que vinho já bebeu?
— Já bebi... já bebi... Monopole seco. E' o único que se pode beber.

— Felizmente já conseguimos saber a sua marca preferida, boneca... "Maitre", já sabe: Monopole seco!
— As suas ordens, senhor. E para comer?
— Margarida Nicéa, resolva você mesma esse problema.

Margarida Nicéa mirou e remirou, fazendo encantadoras caretinhas, a carta e devolveu-a ao cavalheiro, sacudindo os ombros:
— Não sei... não sei... Escolha você, que para mim é o mesmo.
— Não, não! Trata-se de um assunto serio! — replicou sorrindo o homem. Vamos ver... Que peixe prefere?

— Nenhum.
— Gosta de carne?
— Conforme...
— Um filé "mignon"...
— Psch!...
— Uma costeleta de carneiro á Stendhal...
— Psch!...
— Uma silveira...
— Prefiro "ravioli"!

— Mas isso não é carne. Não vai comer carne?
— Não seja prosaico... Peça o que quiser, pois já lhe disse que para mim é indiferente...
— Quem sabe "risotto" com caranqueijos?
— "Risotto" é um prato feito com arroz?

— Sim, princesa, o próprio nome está dizendo...
— Detesto o arroz!
— Talvez a senhora preferisse uma perdiz assada — aconselhou respectivamente o "maitre d'hotel"

O terrível assassino

Conto de LOPES MOLINA

Cafia a tarde. O galope do cavalo de Isidoro fazia um ruído semelhante ao ruído de um tambor. De quando em quando, o cavaleiro, voltava a cabeça para ver se os seus perseguidores tinham desistido de o alcançar.

— Só se forem bruxos é que me agarrarão! exclamou, mostrando os dentes num sorriso de satisfação, que lhe enrugou a pele curtida pelo sol e os ventos das planícies.
Tinha-se "desgraçado" o infeliz Isidoro, matando um desses homens que se empenham em amargar a existência, sempre dolorosa, dos pobres de espírito.
Isidoro era um mísero empregado da estância, que não se metia com quem quer que fosse. Trabalhava de sol a sol, calado, resignado com a sua sorte de pária,

para quem não existem direitos, mas que vive cheio de deveres.
Na venda do povoado próximo, era o juguete de todos quantos já haviam emboorado alguns tragos. Um dos que mais o metiam a riso, era o caêbe Ciríaco, um negro avantajado, de quem se dizia que havia estado no presidio de Ushuaia. Mal via Isidoro, começava a zombar dele e a dar-lhe apêdos e quando isso não era bastante para se satisfazer, puxava do facão e perseguiu o infeliz, meio morto de medo. Quando o alcançava, obrigava-o a ajoelhar e a pedir perdão.

— Perdão, Sr. Ciríaco! Não me mate, por minha mamã.
— Ah! ah! ah! Não te mate, não, ovelhinha do Senhor. Quis pergarte um susto, nada mais! Puxa! que és um covardão de marca!

Para que tens tanto medo á morte, se um dia hás de morrer?

Isidoro tremia, com os olhos dilatados pelo terror. Sabia que Ciríaco era um bárbaro que, com a mesma facilidade com que improvisava décimas e as cantava, acompanhando-se á guitarra, era capaz de furar a pele a qualquer. Por isso, de todos os que mofavam dele, era aquele a quem mais temia. Os outros, contentavam-se em pôr-lhe querosene na caninha, ou em assustá-lo de noite, quando voltava para a estância, aos sábados, aparecendo-lhe envoltó num

lençol, com uma foíce na mão, como se fôsse o símbolo vivo da morte.

Naquelle noite, na venda de dom Genaro, Ciríaco, muito bêbedo, quis fazer rir os outros, obrigando o pobre Isidoro a tremer de medo.
Fique sossegado, Sr. Ciríaco! Por que me há de fazer isso? Que lhe fiz eu, para que queira divertir-se á minha custa?
O desventurado quase chorava, mas isso, em vez de acalmar a perversidade do malvado, mais a excitava: ria, com um riso brutal de homem em quem o coração nunca teve um movimento de ternura. Jamais havia estimado alguém. Era exposto, um filho de ninguém, que tinha vivido quase sempre como vagabundo, tantas e tão variadas vezes se vira obrigado a deixar os empregos, os mais

diversos. No fundo era covarde e se estivera preso na Ushuaia, é porque havia assassinado um homem á traição, porque lhe negara dinheiro para beber.

Agora julgava com Isidoro, como um gato com um rato. Divertia-o imenso, aquele tremor de medo do pobre peão. Depois de o fazer bailar no meio da venda, na frente de risinhos bebedores, correu-o dando-lhe pancadas com o facão e quando Isidoro, cansado de suportar os vexames, parou súbitamente e lhe disse que não continuasse a bater-lhe, o selvagem, pelo gosto de ver correr sangue, deu-lhe um corte na mão e espetou-o no ventre.
O que se seguiu foi uma cena que encheu todos de espanto.
Viu-se Isidoro deitar a mão á
[Conclui na sexta página]

CONFIO na sagacidade de que tão exuberantes provas tem dado, senhor Bricio Araújo.

— Bondade sua... — Repito, conquanto exista entre mim e minha mulher uma sensível diferença de idades, nunca me passaria pela cabeça uma tal baixez; mas o testemunho dessas cartas é indiscutível.

— Efetivamente, senhor Linhares, estas cartas de amor comprometem sua esposa de um modo inegável.

— Foi por isso que pus de parte toda a sentimentalidade e vim pedir-lhe para averiguar quem é

— Para começar as minhas investigações, desejo ir à sua casa.

— Quando quiser.

— Posso fazê-lo sem ser visto por sua esposa, nem incomodado pela curiosidade dos criados?

— Agora, se quiser. Minha mulher, depois da cena desta manhã, declarou-me que ia passar o dia com minha sogra e que só viria depois de jantar. Quanto aos criados de quarto posso afastá-los por uma ou duas horas.

— Perfeitamente. São duas horas... dentro de vinte e cinco minutos irei visitá-lo.

— Até já, sr. Bricio.

— Sr. Linhares.

deu agora nos aposentos de minha mulher.

— Engana-se, não perdi o meu tempo, retorquiu o detetive com um ar de riso meio irônico.

— Não? Que descobriu, então?

— É cedo para falar. Vejamos a correspondência, sim?

Porém o capitalista, intrigado e ansioso, insistiu:

— Não podia dizer-me?... — Mais tarde, quando tiver visto a sua correspondência, opôs Bricio com franqueza. O meu fim principal é descobrir quem escreveu as cartas comprometedoras e sem perda de tempo.

— Aqui, neste gavetão, indicou

respondecia no gavetão, opôs-se, delicadamente, dizendo:

— Não se incomode, deixe tudo aí, vou aproveitar para fazer uma limpeza.

— Se me dá licença, estas cartas que escolhi ficam comigo até mais tarde. Que horas são? Sete horas, já!

— Podemos ir para a mesa.

— Após o jantar concluirei o meu exame.

Feito o repasto, Bricio, de novo no escritório de Linhares, instalado à secretaria, apreciando um magnífico charuto havana, e com as diversas cartas abertas na sua frente, levou longo tempo a con-

ma que o cúme e a presumível desilusão do seu amor confrangiam. Ia, talvez, falar... quando viu um automóvel deter-se a porta do palacete.

— Aí vem sua esposa, disse, vindo até onde estava o acobruhado milionário; preciso que ela me receba.

— Vou providenciar, respondeu Linhares, erguendo-se e apertando um botão elétrico.

Não tardou que se apresentasse um criado, a quem ordenou:

— Diga à senhora que o sr. Bricio Araújo lhe deseja falar com urgência e que eu lhe peço para o receber.

CARTAS DE AMOR

autor dessa correspondência vergonhosa.

— Mas veja o sr. Linhares, simplesmente porque as provas parecem tão positivas nas expressões e nos detalhes da vilania, é que me inclino a duvidar da sua autenticidade.

— Não procure trazer ao meu espírito uma esperança que essa

A hora marcada, Bricio, apresentou-se no palacete Linhares.

— Por onde deseja começar as suas buscas, perguntou-lhe o milionário.

— Pelos aposentos de sua esposa.

— Queira seguir-me.

Bricio foi introduzido num elegante *boudoir* Luís XV, onde predominavam o azul turquesa nos *panneaus* e cortinados, e a laca branca tocada a ouro reluzente nos móveis artisticamente trabalhados. Depois de um curto exame, Bricio, dirigiu-se a uma secretaria delicada e apontando para uma bonita caixa de cartão colorido, interrogou:

Linhares com visível enfado, encontrará a correspondência que recebi ultimamente. Como vê, está atirada ao acaso. Só não estão aí as cartas de negócio.

— Isto vai levar tempo, conjecturou o detetive, sentando-se ao lado do gavetão, para iniciar a tarefa. O sr. Linhares pode sair

frontá-las e a analisar-lhes os caracteres meticulosamente. Batiam nove horas quando, terminada a pericia, dirigiu a palavra ao milionário:

— Quem é o sr. Ataide?

— Carlos? Oh! é um excelente rapaz, um caráter de eleição e um amigo leal. Hein?

Suspeita dele?

— Suspeitar, eu? A suspeita não faz parte do meu método de averiguação. Para suspeitar é preciso ter uma desconfiança mais ou menos fundada... ora, eu, nem sequer conheço esse senhor. Não reparou que a letra dele é muito parecida, senão igual à das cartas que o senhor achou no aposento de sua esposa?

Cinco minutos depois, o detetive, achava-se na presença de uma senhora alta, elegante, de face moediça, iluminada pela claridade inquietada dos olhos garços, boca fresca e aspecto senhoril.

— Releve, minha senhora, a ousadia de certas perguntas que vou dirigir-lhe, mas a felicidade do seu lar assim o exige.



— Foi aqui, sob esta caixa, que encontrou as cartas comprometedoras?

— Exatamente. Não tendo achado papel de carta na minha secretaria, vim aqui buscar uma folha e...

— Posso examinar o móvel?

— À sua vontade.

O detetive retirou as gavetas que examinou com atenção, depois apalpou os vãos e o fundo da secretaria para ver se descobria algum esconderijo.

Enquanto Bricio inspecionava papel por papel, móvel por móvel, numa busca metódica, paciente, e repunha tudo nos seus lugares, Linhares, sentado, seguia-lhe os movimentos com mal disfarçada impaciência.

Os bronzes foram examinados um a um, não pelo desejo de lhe apreciar as belezas e de conhecer os nomes de seus autores, mas para observar se, interiormente, podiam ocultar alguma coisa. Por detrás dos quadros, assinados por mestres ilustres, houve igualmente caprichosa inspeção. Enfim, tanto no *boudoir*, como no dormitório, também no estilo Luís XV, nada escapou à sagacidade perscrutadora do detetive. As pesquisas duraram quase duas horas, ao fim das quais o detetive quebrou o silêncio.

— Passemos, agora, ao seu gabinete de trabalho, se não vê inconveniente?

— Nenhum; estou ao seu dispor. Faça o favor de me acompanhar.

O gabinete de trabalho de Linhares era uma vasta sala mobiliada com poucos mas magníficos móveis. Uma larga biblioteca de carvalho esculpido que ocupava o maior vão da parede, ostentava algumas centenas de volumes vistosamente encadernados. Eram também de carvalho esculpido, a grande secretaria, os seis cadeirões com espaldar de couro lavrado, e uma graciosa coluna encimada por uma estatueta representando a Vitória. Duas misulas ao estilo dos móveis, sustentavam vasos antigos de onde subiam airozas palmeiras. Um *Barbedienne* de bronze dourado, de múltiplas luzes, pendia a meio do teto de madeira entalhada. Pesados repositores azul-escuro cobriam as portas e nas amplas janelas, *stores* rendados velavam a luz exterior.

Bricio não se demorou em estudar a harmonia severa daquele opulento escritório, tinha pressa de prosseguir no seu exame, e por isso, encaminhando-se para a secretaria, pediu:

— Pode mostrar-me as cartas e bilhetes que tenha de amigos e conhecidos?

— Supõe?

— Não suponho, investigo.

— Vai perder tempo, como per-

Conto policial de EDUARDO VITORINO

quando quiser, apenas lhe peço para não deixar que me venham surpreender, especialmente sua esposa.

— Ninguém o incomodará, descanse.

— Obrigado!

Enquanto o detetive abria, uma a uma, as cartas que ia retirando do gavetão e lhes estudava os caracteres, Linhares, sentado próximo de uma janela, esforçava-se por prender a atenção às páginas de um livro em voga. A curiosidade, porém, era mais forte que o interesse pela leitura e, de quando em quando, entre duas fumaças de um havana superior, lançava olhares furtivos para a secretaria, onde Bricio ia amontoando, pacientemente, cartas e bilhetes.

A noite veio surpreender o detetive na sua empreitada de analisar tipos de letra, indiferente à presença de Linhares e quebrando, apenas, o silêncio em que se engolfara, com uma ou outra exclamação sumida.

O milionário cansado daquele mutismo a que o condenara a indiferença do detetive e querendo fugir à tristeza que o cair do dia infundia sempre e que agora lhe agravava a angústia do desgosto que o mortificava, deu volta ao computador fazendo jorrar das inúmeras lâmpadas do magnífico *Barbedienne*, uma luz intensa, brilhante.

— Já estava escuro, disse.

— Tenho bons olhos... demais não estou a ler a sua correspondência... Veja lá, não se prenda por minha causa, se tem afazeres...

— Posso esperar... e pelo que vejo está quase no fim.

— Efetivamente... Sua esposa a que horas deve voltar?

— Nove horas, mais ou menos, mas pode estar tranquilo, não virá aqui.

— Nesse caso teremos tempo de conversar...

— Fã-lo-emos durante o jantar, porque o senhor janta comigo, não é verdade?

— Com todo o prazer! e como tivesse cotejado duas cartas, saltou inadvertidamente uma exclamação: Ah!

— Que foi?

— Nada.

— Note que tem separado algumas cartas...

— De fato.

— Espera encontrar nessa correspondência o segredo que tanto me interessa?

— Não senhor.

— Não percebo.

— Espero, tão somente, achar uma pista.

— Cada vez percebo menos.

— Terminei.

Linhares vendo que Bricio se dispunha a repôr a numerosa cor-

respondência no gavetão, opôs-se, delicadamente, dizendo:

— Não se incomode, deixe tudo aí, vou aproveitar para fazer uma limpeza.

— Se me dá licença, estas cartas que escolhi ficam comigo até mais tarde. Que horas são? Sete horas, já!

— Podemos ir para a mesa.

— Após o jantar concluirei o meu exame.

Feito o repasto, Bricio, de novo no escritório de Linhares, instalado à secretaria, apreciando um magnífico charuto havana, e com as diversas cartas abertas na sua frente, levou longo tempo a con-



indigna correspondência torna inadmissível. Agradeço-lhe a generosidade da intenção.

— Não me compreendeu. Não se trata do senhor, mas de analisar o fundo de verdade que estas cartas possam encerrar. Estamos em face de um problema que vou resumir.

Durante uma ausência de vinte e cinco dias, que o senhor empregou na inspeção das suas fazendas, sua esposa enamorou-se de um homem de quem recebeu estas cartas apaixonadas, e por certas passagens escritas cruamente, presume-se que ela esqueceu os seus deveres. O senhor regressa, vai ocasionalmente aos aposentos de sua esposa e encontra, debaixo de uma caixa de papel, este maço de cartas que deviam ter sido destruídas ou pelo menos guardadas em lugar seguro. O senhor lê as cartas, apresenta-as à sua esposa e exige explicações. Ela surpreendida e indignada, repele a acusação; declara desconhecer esta correspondência, que não quer ler, jura ignorar quem é o missivista e não sabe explicar como se achavam estas cartas nos seus aposentos.

— Exato.

— E, segundo me disse, pareceu-lhe que sua esposa falava com absoluta sinceridade.

— Pelo visto, é uma comediante consumada.

— Perdão! mas o passado?

— Impecável, confesso. O amor, porém, transformou-a completamente. As próprias cartas que o senhor tem aí, o dizem e o provam suficientemente.

— Já me afirmou que não suspeita de ninguém...

— Assim é. A inicial que firma essas cartas não me diz nada... um Z...

Contava com a visita de um embaixador — principiou ela num tom de leve ironia que mal disfarçava a tristeza que lhe ia na alma — mas não a esta hora. Pois que veio, tanto melhor, mais depressa se resolverá esta penosa situação. Estou às suas ordens, pode perguntar.

— Disse-me seu marido que v. excia. não quis ler estas cartas quando...

— Para que havia de as ler? Não me interessava saber o que diziam.

— Mas poderia, talvez, conhecer-lhe o autor.

— Não creio. Nenhum homem se poderia julgar autorizado a escrever-me.

— Todavia é preciso que me diga se conhece esta letra, e apresentou-lhe, aberta, uma das cartas comprometedoras.

— Parece-se com a de Carlos Ataide, amigo de meu marido, mas não deve ser, porque está dirigida a mim. Carlos não seria capaz de uma tal ação.

— E est'outra?

— Não conheço.

— É do senhor Jacinto Tôrres.

— Ah!

— Conhece-o?

— Conheço, respondeu friamente.

— Não julga, então, capaz o senhor Carlos de Ataide de escrever estas cartas com o fim especial de comprometer aos olhos de seu marido?

— Não senhor.

— E o sr. Jacinto Tôrres?

— Não sei...

— Sou talvez, inconveniente, mas é indispensável que eu saiba, só eu, se esse senhor se atreveu a cortejá-la.

[Conclui na página seis]

— Ao contrário, dir-me-á tudo quanto desejo saber.

— Espera que ela lhe diga o nome do cúmplice?

— Não se trata de um cúmplice.

— Então de quê?

— De me dizer quem escreveu estas cartas.

— Deixe-me rir! Não se trata de um cúmplice e sim de quem escreveu essas cartas mas é tudo a mesma coisa.

— Labora num erro, sr. Linhares. Não quero discutir sobre o que diz ser a mesma coisa. Já lhe disse o que pensava.

— Enganei-me quando o procurei; o sr. Bricio não quer descobrir um patife; pretende unicamente, fazer-me crer que o crime que essa correspondência denuncia não existe. Só o move um sentimento de piedade pela minha dor. O seu dever não é dar-me conforto, mas ajudar-me a confundir os culpados! Minha mulher e o Carlos... quem seria capaz de supô-?!

Num gesto desesperado, Linhares deixou-se cair numa cadeira, debruçou-se sobre a secretaria, ocultando o rosto aflito entre as mãos convulsas.

Bricio, visivelmente impressionado por aquela explosão, tanto mais inesperada, quanto o milionário se mostrara até ali calmo e refletido, dirigiu-se vagarosamente à janela, encostou a cabeça aos vidros e pôs-se a olhar para a rua toda molhada pela chuva miudinha que caía, monótona e enfadonha. Seus olhos contemplaram ao longe o mar de telhados que a chuva tornava luzidíssimos como se fossem de vidro. Tudo se apresentava sombrio e triste! Com a fronte carregada, Bricio sentiu-se apiedar da miséria daquela al-

— Contava com a visita de um embaixador — principiou ela num tom de leve ironia que mal disfarçava a tristeza que lhe ia na alma — mas não a esta hora. Pois que veio, tanto melhor, mais depressa se resolverá esta penosa situação. Estou às suas ordens, pode perguntar.

— Disse-me seu marido que v. excia. não quis ler estas cartas quando...

— Para que havia de as ler? Não me interessava saber o que diziam.

— Mas poderia, talvez, conhecer-lhe o autor.

— Não creio. Nenhum homem se poderia julgar autorizado a escrever-me.

— Todavia é preciso que me diga se conhece esta letra, e apresentou-lhe, aberta, uma das cartas comprometedoras.

— Parece-se com a de Carlos Ataide, amigo de meu marido, mas não deve ser, porque está dirigida a mim. Carlos não seria capaz de uma tal ação.

— E est'outra?

— Não conheço.

— É do senhor Jacinto Tôrres.

— Ah!

— Conhece-o?

— Conheço, respondeu friamente.

— Não julga, então, capaz o senhor Carlos de Ataide de escrever estas cartas com o fim especial de comprometer aos olhos de seu marido?

— Não senhor.

— E o sr. Jacinto Tôrres?

— Não sei...

— Sou talvez, inconveniente, mas é indispensável que eu saiba, só eu, se esse senhor se atreveu a cortejá-la.

[Conclui na página seis]

AGULHA VERDE

TRICÔ — O PONTO DE "SAQUINHO". — 1.ª carreira: 5 tricô, 1 saquinho (enfiar a agulha 5 vezes na mesma malha, pegando um ponto em tricô, o outro em meia alternadamente) novamente 5 tricô, outro saquinho e assim até o fim da carreira.

2.ª carreira: meia sobre meia, tricô sobre tricô (o mesmo para todas as carreiras pares).

3.ª carreira: meia sobre meia, tricô sobre tricô.

5.ª carreira: 5 tricô, fechar o saquinho (pegar as cinco malhas juntas de uma só vez o que se conseguirá com uma agulha bem ponteguda) 5 tricô, fechar o saquinho, etc.

7.ª carreira: igual a primeira, começando apenas com 8 tricô no início da carreira para desencontrar o desenho.

BLUSA DE TRICÔ. — Esta blusa é executada com lã de dois tons: "beige" e verde. As medidas para manequim 42.

Pontos empregados. — Ponto de gaita (parte de baixo da blusa, pala das costas e barra do decote na frente): 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Ponto de "jersey" (costas e terminação das cavas): 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso. Para a frente da blusa o ponto de "jersey" foi empregado: o avesso sobre o direito do trabalho. Cinco linhas verticais em relevo feitas cada uma de uma dupla "torsade" cor-

tando a parte do ponto de "jersey", que se obtém da seguinte maneira: (x) 8 pontos pelo avesso, 4 pontos pelo direito (1.ª "torsade"), 2 pontos pelo avesso (separaram as 2 "torsades"), 4 pontos pelo direito (2.ª "torsade"). Recomeçar em (x). Todas as 6 carreiras tricotar os 4 pontos pelo direito da seguinte maneira: escorregar sobre 1 agulha suplementar os 2 primeiros pontos. Por esta agulha para a frente. Tricotar os dois pontos seguintes depois os 2 pontos da agulha suplementar (isto forma o cruzamento da "torsade" e repete-se todas as 6 carreiras). Tricotar 2 pontos pelo avesso e cruzar, como os precedentes, os 4 pontos pelo direito seguintes, para a 2.ª "torsade", etc.

Costas. — Começa-se pela parte de baixo. Pôr na agulha de tricô 100 malhas com a lã verde. Tricotar 12 centímetros no ponto de gaita, depois começar o ponto de "jersey" com a lã verde. Fazer de cada lado 11 vezes um aumento com 2 centímetros de intervalo. Quando medir 35 centímetros de altura formar as cavas fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo, 3 malhas, 2 malhas e 10 vezes 1 malha (15 malhas no total). Quando a cava medir 14 centímetros e meio de altura tricotar no ponto de gaita todas as malhas para formar a pala. Quando a pala medir 3 centímetros de altura enviezar os ombros fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo e em 6 vezes, 32 malhas para cada ombro e depois as malhas restantes para a gola.

Frente. — Começa-se pela parte de baixo. Pôr na agulha de tricô 103 malhas; tricotar os 12 centímetros no ponto de gaita com a lã verde, depois tricotar com a lã "beige" o ponto de "jersey": avesso sobre o direito. Tricotar 1 carreira no ponto de "jersey" sobre todas as malhas mas fazendo no decorrer da primeira carreira 6 vezes uma diminuição de uma malha.

Na carreira seguinte começar o ponto de "jersey" de "torsades", tomando cuidado para ter uma dupla "torsade" no centro do trabalho. Fazer de cada lado 11 vezes um aumento com 2 centímetros de intervalo. Quando o trabalho medir 34 centímetros de al-

tura, separar no meio. Trabalhar cada lado separadamente. Fechar para o decote 18 vezes uma malha com 3 carreiras de intervalo. Simultaneamente a 35 centímetros de altura fechar para a cava, com uma carreira de intervalo, 2 vezes 3 malhas, 2 malhas e 9 vezes uma malha (total 17 malhas). Quando a cava medir 13 centímetros e meio de altura fechar em 5 vezes as malhas restantes. Fazer o outro lado da mesma maneira. Para a barra do decote que se começa pela ponta no meio da frente com a lã verde pôr na agulha 3 malhas (uma malha pelo avesso) tricotar em ponto de gaita fino. Fazer de cada lado do ponto central que nunca deve ser contrariado, 7 vezes um aumento com 3 carreiras de intervalo. Quando tiver 17 malhas sobre a agulha fazer um aumento no centro e separar o trabalho no meio. Trabalhar o lado direito para o lado esquerdo da blusa, até obter 13 centímetros e meio pouco mais ou menos. Depois à direita das 9 malhas juntar uma vez 23 malhas. Tricotar em linha reta sobre as 32 malhas durante 7 centímetros. Terminar o outro lado da mesma maneira. Pregiar na frente com pontos invisíveis.

Depois de ter feito as costuras dos ombros, apanhar em volta da cava 90 malhas, respeitando a ordem dos coloridos, sejam 36 malhas verdes e 54 malhas "beiges". Tricotar uma carreira pelo direito sobre o avesso, e um centímetro de ponto de "jersey" (para a bainha). Fazer as costuras dos lados e coser a bainha das cavas com pontos invisíveis.



Lindo modelo para passelo em seda preta pesada. Como ornamento: um enfeite de metal branco.

OPORTUNIDADE

O ator Paul le Grand era muito feio e antes de conquistar o grande nome que teve passou por alguns incidentes curiosos, motivados exclusivamente pela falta de harmonia de suas feições.

Certa noite em que representava uma tragédia, na qual fazia o papel de Mitridates, um outro ator devia dizer-lhe:

— Mas o que tem?... Sua fisionomia está outra!...

Assim que o ator deixou cair essas palavras, da galeria souu uma voz conselheira:

— Aproveite a ocasião e fique com ela!...

COISAS QUE A GENTE DEVE SABER

Jamais use água quente nem fria para lavar sua "lingerie". A água deve ser morna, tanto a primeira como as outras, devendo ser usado para o mesmo fim, um sabão líquido, puro. Envolve depois as peças lavadas em toalha de feltro e passe-as a ferro ainda úmidas.

Um véu amarfanhado é sempre desagradável e dá um toque feio ao chapéu. Nesse caso, querida leitora, você deve envolvê-lo em álcool e assim o deixar secar, depois de bem estendido. Ficará novo e bonito outra vez.

Jamais durma sem escovar seus cabelos. Este cuidado diário, pela manhã e à noite, preservarão o couro cabeludo de qualquer germe destruidor da vitalidade do cabelo, dando ao mesmo maciez e limpeza.

Se o seu vestido plissado for em "godet", jamais o guarde sem reunir as pregas cuidadosamente, ou por alinhavo ou por meio de tiras de pano, a fim de que não se desmanche o feitiço.

Quando for lavar seu vestido estampado não se esqueça de, na primeira água, "sem sabão", colocar um punhado de sal grosso até ficar desmanchado e deixá-lo de imersão durante algum tempo. Depois é que o lavarás em água morna e sabão em espuma e em so-

guida, em diversas outras águas. Assim não há possibilidade de o ter manchado.

Para limpar as peles usadas deve-se molhar com benzina certa quantidade de serragem com a qual se fricciona a pele, sacudindo-a a mlido para que a serragem vá caindo. Depois coloca-se a pele ao ar livre para se impregnar de ar fresco. Dá-se com uma vareta algumas pancadas a fim de retirar o restante de serragem.

Para variar um pouco o passeio de bicicleta às primeiras horas da manhã, é o melhor exercício para qualquer jovem que preze a estética. Para calça cinza, indicamos uma blusinha verde cor bastante moderna.

Quando tiver que pregar um prego na parede, deixe-o antes dentro de água quente. Isso evita que o reboco se desprenda.

Para dar viço e beleza aos cabelos: Óleo de amendoas doces, 200,0; água de rosas, 50,0; óleo de ricíno, 10,0; extrato de quina, 15,0.

Para tirar as peles das amendoas, coloque-as em água quente por uns cinco minutos. Aperte-as depois entre o polegar e o indicador. As cascas saíão rapidamente.

FORNO & FOGÃO

CAMARÕES COBERTOS. — Um quilo de camarões bem grandes e frescos. Descascam-se só no corpo, deixando-se a cauda e a cabeça, tiram-se as tripas escuras que têm no dorso e faz-se um pequenino golpe de faca, do lado da barrega, para que possam ficar esticados e põe-se, durante uma hora, em sal, pimenta em pó e caldo de limão. A seguir escorrem-se bem em um passador e arrumam-se, bem esticados, em forma de molho, num guardanapo que se enrola, amarra com um fio branco e leva-se a uma caçarola que já deve estar com água fervente e no fogo e deixam-se cozinhar durante um quarto de hora. Retiram-se da água, deixa-se esfriar no próprio guardanapo e depois deixam-se sobre uma táboa, enquanto se prepara a seguinte massa:

Passam-se na máquina e refogam-se em azeite, cebola ralada, massa de tomate e sal, meia dúzia de camarões crus e juntam-se duas colheres de manteiga. Retira-se a caçarola do fogo e acrescentam-se mais duas colheres de farinha de trigo com uma de fubarina e outra de maizena, todas dissolvidas em uma xícara de leite com duas gemas cruas. Torna-se a levar a caçarola ao fogo para cozinhar, mexendo sem parar, até que a massa se despeje do fundo da panela. Então despeja-se a massa sobre uma pedra mármore, untada com azeite e deixa-se esfriar. Com uma colher vão-se tirando da massa porções iguais e com elas envolvendo os camarões cozidos, de maneira que fiquem com as caudas e cabeças bem visíveis. Depois, vão se passando, duas vezes, cada camarão, em ovos mal batidos e farinha de pão torrado, fritam-se em azeite, dourando-os por igual e servem-se bem quentes sobre um tapete de raminhos de salsa verde.

BOLINHOS CREMOSOS DE QUEIJO. — Mexer numa panela 7 a 8 gemas, desmanchar com 150 gramas de manteiga batida, ligar bem a mistura sem deixar ferver,

retirar do fogo, temperar com sal, pimenta e uma pitada de açúcar; juntar 200 gramas de queijo fresco amassado, por último juntar 2 claras batidas, depois 3 decilitros de creme de leiteira batido. Encher as forminhas até ao meio porque cresce muito; salpicar com queijo ralado por cima, e vai assar em forno brando.

VITELA À PROVENÇAL. — De véspera, por de molho a carne em três copos grandes de vinho branco e um copo de vinagre; temperar com cebolas, cenouras, alho, louro, sal e pimenta.

Misturar 125 gramas de manteiga com duas colheres de pó de mostarda inglesa, passar esse creme na carne e levar ao fogo, sem água nem molho.

Em separado, preparar uma nova porção de manteiga com mostarda análoga à primeira. Quando a vitela estiver bem cozida, tirá-la do fogo, cortar em fatias, colocar num prato, tirar da caçarola a manteiga que escorreu do assado, juntá-la à nova porção de manteiga e mostarda, juntar um copo de vinho branco fervido, misturar bem e regar a carne. Se a carne esfriou, levar ao forno por cinco a dez minutos. Servir com batatas cozidas.

PASTÉIS FRITOS. — Amassar rapidamente um copo de creme de leiteira com farinha de trigo para formar uma massa que se abre bem fina. Cortar rodela de 6 a 8 centímetros de diâmetro. Colocar dentro de um pouco de recheio de carne, galinha ou camarão. Dobrar a massa, apoiar bem nas beiradas com os dentes do garfo, e pôr para fritar na gordura.

BOLO DE XUXÚ. — Cozinhar 8 xuxús em água e sal, deixar em seguida escorrer bem a água e passar por uma peneira, juntar meia xícara de leite, uma colher de manteiga, três ovos inteiros batidos, três colheres de queijo ralado, uma colher de maizena. Despejar numa forma untada com manteiga; vai assar no forno.

BATATAS, XUXÚS E CENOURAS COM QUEIJO. — Cozinhar algumas batatas, xuxús e cenouras, e cortar em pedaços; untar um prato que vá ao forno com manteiga, arrumar camadas dos legumes separadas por camadas de molho amarelo e camadas de queijo ralado. A última camada deve ser de queijo por cima da camada do molho.

Molho amarelo: um copo de leite, meia colher de manteiga e um pouco de maizena para engrossar.

PICADINHO COM ANGÚ DE FUBA. — Fazer um picadinho de carne de porco bem temperado e com molho engrossado; em seguida preparar o angú pondo para ferver meio litro de leite com meia colher de manteiga; vai se despejando dentro o fubá até o angú ficar com boa espessura, não grosso de mais. Arruma-se o angú em volta da travessa, o picadinho no centro, e cobre-se tudo com uma camada de queijo fresco ralado. Servir imediatamente.

FATIAS DE ABÓBORA (MORANGA) COM QUEIJO. — Uma tigela de abóbora cozida e passada na peneira, outra de açúcar, dez gemas e 6 claras. Bater bem os ovos com açúcar, juntar em seguida a abóbora, meio queijo ralado e duas colheres de manteiga. Vai assar em taboleiro untado com manteiga, cortar em seguida em fatias e passar no açúcar e canela.

PUDIM DE QUEIJO. — Bater 16 gemas e 8 claras com 750 gramas de açúcar; depois de tudo bem batido juntar meio quilo de queijo ralado (o queijo de Minas não deve ser salgado), meio quilo de manteiga muito lavada e por último uma colher de farinha de trigo peneirada. Pôr numa forma untada com manteiga, forno moderado.

BISCOITOS DE POLVILHO. — Um prato raso de polvilho azedo, meia garrafa de leite coalhado de dois dias, um pires de batatas inglesas, cozidas e reladas, 3 ovos.

Enrolar os biscoitos com as mãos úmidas, a massa muito mole.

ATIVIDADE: O MELHOR REMÉDIO PARA OS NERVOS

Nossa experiência pessoal no cuidado a esta espécie de doentes ensinou-nos que, para curar os nervos, é muito mais benéfica a atividade do que o repouso. É claro que, nos casos de profunda prostração nervosa, é imprescindível o isolamento do enfermo e a sua manutenção na cama, alimentando-o com leite e suco de frutas, a fim de recuperar o seu aniquilado sistema nervoso. Mas, após umas semanas de tal descanso, é recomendável que, pouco a pouco, volte à sua atividade anterior.

A princípio, alguns minutos por dia. Depois, de meia a uma hora e, assim, gradativamente, até que reintegre numa atividade normal, deixando de lado suas queixas, suas fraquezas, de suas dores e de toda espécie de sintomas que parecem recomendar o contrário.

Isso, que se deve fazer para que readquiram a saúde, os mais graves enfermos nervosos, aplica-se, de modo geral, a todos os casos. Somente três coisas podem garantir um equilíbrio nervoso completo: um bom emprego, uma afeição ou diversão absorvente, sã, e um sincero espírito religioso.

Aquêles que não gostam do trabalho que fazem devem esforçar-se por achar gosto nele ou trocá-lo por outro.

Talvez não exista, para esta regra geral, mais do que uma exceção: a da mulher casada, a quem não ousamos aconselhar que se divorcie pelo simples fato de não gostar do trabalho caseiro, e a quem não resta, portanto, outro remédio senão o de procurar o aspecto agradável e interessante de seus afazeres, o que não é tão difícil assim.

Quando não se trabalha com gosto e afã, o trabalho converte-se numa obrigação pesadíssima. Há pessoas às quais nada a satisfaz; nem seu trabalho, nem a posição social que adquiriram, e tais pessoas aumentam, mais cedo ou mais tarde a legião dos doentes dos nervos.

Os que pretendem dominar seu sistema nervoso, mudar o curso de seus pensamentos, adquirir, de novo, o controle de sua maquinaria mental e recuperar a faculdade de tomar decisões e atuar como as mulheres e homens normais, devem entregar-se, com entusiasmo, ao trabalho, suprimir as férias excessivas, prolongadas, e procurar o modo de fazer com que seu trabalho dê o máximo rendimento.

Achamos o maior contingente de neurastênicos entre as pessoas que não se ocupam com um trabalho regular. Estas pessoas devem tratar de salvar-se com um esforço produtivo que lhes ocupe tanto a mente a ponto de impedir-lhes pensarem em si mesmas. "Atividade": eis a palavra de ordem terapêutica para os neuróticos, sem que isso signifique, é óbvio, que devem exceder-se, no seu trabalho, além da sua resistência física.

Mas, não basta isso. Os que queiram curar-se definitivamente têm, do mesmo modo, que aprender a brincar outra vez. A todos os nossos doentes dos nervos receitamos, como se se tratasse de um remédio, que tratem de procurar e achar um brinquedo ou uma distração que os interesse. É claro que evitamos indicar-lhes este ou aquele divertimento: não lhes impomos uma afeição determinada.

Procurar uma distração é coisa parecida com o procurar uma noiva. Em ambos os casos, é preciso que a gente se enamore por iniciativa própria, pois, ao contrário, o fracasso é inevitável. Por isso, limitamo-nos a receitar a necessidade de uma diversão: mas deixamos que o paciente namore aquela que ele próprio escolheu. Nossa definição de brinquedo é esta: algo pelo qual estejamos

Pelos drs. William S. Sadler e Lena K. Sadler

sempre dispostos a sobrepor à comida; mas, algo, ao mesmo tempo, que nada tenha que ver com nossa ambição, trabalho, religião, etc.

É fácil distinguir-se a diferença entre o trabalho e a distração. Vejamos, por exemplo, numa tarde de verão, os rapazes que jogam bola. Correm com entusiasmo, prestando a máxima atenção ao jogo. Poucas vezes nos é dado apreciar um mais belo exemplo de verdadeira atividade muscular. Mas, notemos, também, o que acontece quando, naquele momento, o pai de um dos rapazes aparece, com uma cesta na mão, chama o filho e lhe manda buscar no armazém umas garrafas ou coisa equivalente. O menino obedece, mas, imediatamente, muda de atitude. Anda como cansado, como se fosse, repentinamente, atacado de uma paralisia parcial, em flagrante contraste com a energia que desgastava ao correr atrás da bola. Eis aí a diferença entre o trabalho e o jogo, na hipótese em que, ambos, exigem uma atividade muscular quase idêntica.

Ao propor este exemplo, não queremos dizer que todos os jogos tenham que ser atos desportivos capazes de exigir um esforço físico. Do mesmo modo, um doente dos nervos poderá curar-se jogando golf, colecionando flôres ou insetos, selos ou porcelanas orientais. Quanto a isso, faremos a mesma observação no que se refere ao trabalho: ninguém deve atirar, nas suas diversões, ao esgotamento físico.

A leitura é, também, um poderoso auxiliar. Mas, há um certo

tipo de leitura que, por produzir um efeito depressivo, deve ser evitada. O estudo da matemática é, às vezes, um bom remédio. Uma pessoa nervosa deve, também, cultivar o bom humor, porque é inegável que a maioria dos doentes do sistema nervoso esqueceu do que seja a alegria. É tal coisa pôde ser feita sem que esqueçamos trabalhos e distrações. Basta esforçar-se por ser carinhoso e amável com os amigos, com os companheiros de trabalho, com as amizades mais superficiais, e interessar-se por tudo e por todos.

Finalmente, não se pôde esquecer que aqueles que possuem um sentimento religioso sincero são, em geral, mais felizes e mais sossegados de espírito do que os que dispensam, por exemplo, esse altíssimo alimento espiritual.

A "bomba - morcego" e o "ôlho infra - vermelho"

[Conclusão da primeira página] ções do radar, da mesma forma que o morcego se guia pelos ecos das pulsações super-sônicas que seu próprio organismo emite durante o vôo. A unidade de radar abrange um transmissor, um receptor, o circuito que indica a direção do objetivo e comunica sua descoberta por via elétrica ao "morcego" autopilotado. A trajetória do "morcego" é uma das coisas mais fantásticas que a mente humana já imaginou. Parecendo-se a um "robot" possuidor de olhos maravilhosos e sentido direcional, o "morcego" acompanha o navio, como um falcão que está prestes a lançar-se sobre sua presa. Se o navio faz ziguezagues e voltas com o intuito de escapar, o "morcego" também faz acrobacias à procura de seu alvo. Quan-

A Austrália não possui cascatas como as do Niágara, do Iguassú e de Paulo Afonso, e os seus rios e montanhas, são ridículos comparados ao Amazonas, do Mississipi e às alturas dos Andes e das montanhas Rochosas.

Todavia, possui um fenômeno natural, as furnas de Jenolan, da Nova Gales do Sul. Essas furnas estão situadas nas montanhas Azues, na vertente oriental da grande cordilheira, que divide as águas dos rios Fich e Cox. São muito extensas e impressionantes, devido à estrutura, apresentando, quando iluminadas pela eletricidade ou magnésio, cenas de portentosa delicadeza.

As furnas foram descobertas, em 1841, por Mr. Whelen e dois policiais de cavalaria, que andavam em perseguição de um famigerado saltador, chamado Mc-Keopu, o qual, para melhor escapar, se tinha dirigido para os fortes montanhosos. Rápidamente, espalhou-se a notícia dessas belezas escondidas e isso foi o bastante para despertar o entusiasmo de um certo Jeremias Wilson, o qual explorou essas furnas, descobrindo cerca de 35 quilômetros de canais subterrâneos. Aí viveu mais de trinta anos como

conservador das furnas, que passaram a ser muito visitadas.

O governo da Nova Gales do Sul, proclamou o distrito, em 1876, como propriedade pública e gastou consideráveis somas nas obras de exploração e desenvolvimento dessa maravilha que data da Idade Deroniana e que constitui uma atração turística.

★ O ORIGEM DO VESÚVIO

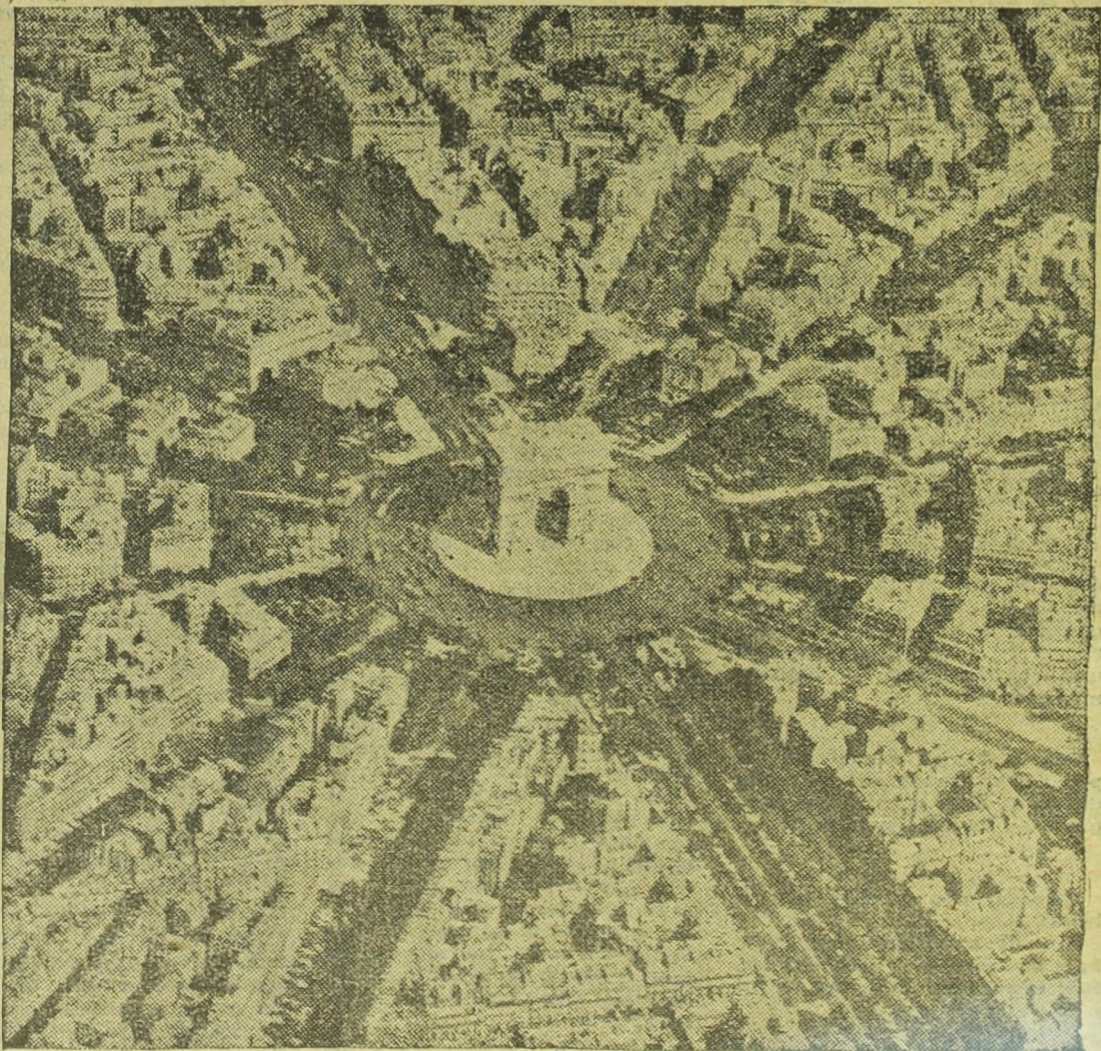
Estudando a formação geológica da região de Nápoles, o professor J. Erasmo mandou abrir poços em diversos sítios do solo e achou, quase que em toda a parte, extratos eruptivos e sedimentares. Já o professor De Angelis Orsat deduzira de suas investigações no poço de Maddalona, em 1902, que o Vesúvio estava cercado por um círculo de extratos marinhos quarternários. Desta forma os estudos dos professores De Angelis e J. Erasmo confirmam a tradição grega, segundo a qual o Vesúvio era primitivamente uma ilha e toda a região que hoje o circunda foi formada tão somente pelas matérias por ele expelidas durante as suas erupções.

nem sua posição, mas recebe somente os raios das fontes infravermelhas. Apenas uma pequena classe de ondas electromagnéticas é percebida pelo ôlho humano e a esta classe denominamos luz. A radiação infra-vermelha não é percebida para o ôlho humano pois ele é cego para ondulações mais longas do que as vermelhas e as mais curtas que as de cor violeta. Os raios infravermelhos estão sendo empregados para diversos fins. É possível, por exemplo, fotografar paisagens com a luz infravermelha, utilizando filme especialmente sensibilizado e um aparelho fotográfico comum equipado com um filtro sobre a objetiva para excluir a luz visível. O uso mais importante da fotografia infravermelha baseia-se na possibilidade de, com seu auxílio, ser possível fotografar objetos escondidos por tempo nublado. Um feixe de raios infra-vermelhos é capaz de penetrar a distâncias muito maiores do que a luz comum.

O bolometro "vê" antes de localizar, pois é possível obter-se um esboço efetivo do objeto observado, como por exemplo, trens, automóveis, ou um homem, se o instrumento fôr utilizado juntamente com um instrumento adequado de medida, tal como o oscilógrafo de raios catódicos. A válvula usada por Thompson para determinação de peso dos eletrons, hoje aperfeiçoada, é o oscilógrafo de raios catódicos, com a qual se pôde medir correntes e tensões que estejam variando tão rapidamente que não possam ser acompanhadas por ponteiros materiais. Para exemplo podemos citar alguns oscilógrafos modernos: "o ôlho mágico", conhecido cientificamente por célula foto-elétrica e as válvulas de televisão. Com o bolometro é possível estudar-se as perdas de calor na parte externa de um prédio, "olhar-se" o edifício no escuro e "ver-se" os raios caloríferos desprendidos das paredes, com as portas e janelas apresentando um aspecto muito chegado ao de uma fotografia real. As áreas de onde o calor se desprende, acusam pontos brancos. Isto apresenta inteira semelhança com as fotografias tiradas com luz infra-vermelha. Nessas fotografias as sombras aparecem muito escuras e assim também o céu, enquanto as folhas dos vegetais aparecem muito brancas por refletirem bem as ondas luminosas mais longas.

Editor responsável:

SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI]
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo



OS GRANDES CENTROS DO MUNDO MODERNO — Paris, o mais famoso de todos os centros comerciais e artísticos do universo, é uma cidade que faz inveja no que diz respeito ao seu traçado. A praça da Estréla — "L'étoile" — onde fica o Arco do Triunfo — apresenta-se como o ponto de convergência das principais ruas parisienses, sobressaindo-se as avenidas "Champs Elysées" e "Victor Hugo", que a atravessam de lado a lado. O clichê acima, em suma, dá bem a impressão exata do que é o centro da "Cidade-Luz", onde o estrangeiro se boquiabre ante as maravilhas que encontra na Metrópole